

## EXEMPLOS DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA PELA PERSPECTIVA DECOLONIAL

Luana Pires Vida Leal<sup>84</sup> – Universidade Estadual de Londrina

Rosana Figueiredo Salvi<sup>85</sup> – Universidade Estadual de Londrina

### Resumo:

Partindo do pressuposto que a divulgação científica tem suas contribuições quanto à comunicar as intencionalidades na produção de conhecimentos científicos, sociais e tecnológicos e, compreendendo que tal processo acontece de forma que seja palpável ao público não-especializado, o presente trabalho tem como objetivo mostrar de que maneira ações de divulgação científica foram desenvolvidas no âmbito das redes sociais (Instagram e Spotify), reafirmando a ideia de que a atividade divulgativa não se resume a mera retextualização da atividade científica e pode ser repensada a partir do enfoque decolonial, a fim de visibilizar saberes ancestrais, latinos e afrodiaspóricos, epistemologias outras que não-eurocêntricas dentro de um processo educativo, democratizando o acesso à este amontoado de informações. Para se concretizar a exemplificação das iniciativas, baseado nas informações dispostas em ambas as plataformas digitais, utilizou-se o *corpus* latente da internet, metodologia que visa analisar as informações presentes na internet. Assim, os estudos da interação de ambas as redes sociais revelaram ampla difusão do conteúdo, mediante análise das métricas disponibilizadas pelos aplicativos, de mapeamento e compartilhamento. Os números revelaram que a temática ganhou visibilidade a partir da abordagem decolonial adotada, revelando a pertinência da utilização de redes sociais em contextos educativos no Ensino de Ciências, pois o caminho artístico também levanta, juntamente à produções acadêmicas, pautas de discussão referentes à dependência tecnológica, a desconstrução de ideários exóticos de cientista, problematiza, identifica e busca ressignificar relações de poder, caminhando lado a lado com pressupostos da efetivação da divulgação científica.

**Palavras-chave:** Divulgação Científica. Decolonialidade. Redes Sociais.

### Abstract:

Based on assumption that scientific divulgation has its contributions regarding to communicate intentionalities about scientific, social and technological knowledge production, and, understanding this process happens thinking about non-specialized public, this work shows how scientific divulgation was made on social media (Instagram and Spotify), reaffirming idea about divulgation activity is not limited to simple retextualization of scientific activity and can be replaced by decoloniality focus, in order to show ancestral, latin and afrodiasporic knowledge, epistemologies other than non-eurocentric at educational process, democratizing access to all these information. To show initiatives here described, based on both digital platforms information, latent *corpus* of internet was used, methodology that analyzes internet data. Interaction studies data of both social media revealed wide dissemination of content, through metrics provided by applications. The numbers revealed visibility gained concerned to decolonial approach, revealing relevance of social media uses in educational contexts in Science Education, as artistic way raises, along with academical studies, discussion guidelines regarding technological dependence, deconstruction of exotic scientists' ideas, problematizes, identifies and seeks to re-signify power relations, walking side-by-side with effective scientific dissemination ideas.

**Keywords:** Scientific divulgation. Decoloniality. Social media.

---

<sup>84</sup> Licenciada em Química (UTFPR), Mestre e Doutoranda em Ensino de Ciências, Universidade Estadual de Londrina, luanapvidaleal@gmail.com

<sup>85</sup> Licenciada e Bacharela em Geografia (UNESP), Mestre e Doutora em Geografia Humana (USP), Professora associada da Universidade Estadual de Londrina, ro06salvi@gmail.com

## 1. Introdução

Ao falarmos de Divulgação Científica (DC), nos deparamos com a multiplicidade de significados que o termo adquiriu dentro das discussões acadêmicas (vulgarização, difusão, disseminação, divulgação). No entanto, há o reconhecimento de que, a despeito da nomenclatura utilizada e suas especificidades, há a convergência de entender que o objetivo destas consiste em publicizar o conhecimento científico, que por tempos permaneceu apenas nos corredores dos centros de pesquisa, num movimento elitizador.

Esse processo elitizador é um resquício das ideias iluministas e positivistas que se propuseram a estabelecer uma diferença entre o sujeito e objeto, como mencionado por Pinheiro (2020, p. xviii):

É a premissa da pretensa impessoalidade e neutralidade axiológica. Em nome desse ideal positivo de ciência aprendemos a abrir mão da primeira pessoa. Essa academia fortemente pautada na colonialidade eurocêntrica herda esse discurso não apenas do positivismo comteano, mas fundamentalmente de suas bases racionais greco-romanas que estabeleceram que a menina dos olhos do ocidente (a filosofia ocidental) surge a partir do rompimento do mito com o logos. Esta é uma perspectiva dicotômica que pauta a produção de um conhecimento verdadeiro assentado unicamente na razão e no afastamento entre o sujeito e o objeto.

Com isso, tomou-se como uma “padronização” que os conhecimentos científicos estariam nas mãos de cientistas brancos, cisgêneros e heterossexuais, tornando-se assuntos inquestionáveis e impassíveis de erros (MESSEDER-NETO, 2019), estabelecendo relações de poder que resultou em silenciamento de saberes que não são eurocentrados, o que Aníbal Quijano (2010) chamou de colonialidade do poder e Santos e Meneses (2010) definem como epistemicídio.

As consequências destas relações de colonização e supressão de saberes abriram espaço para manifestações de racismo, outros preconceitos e atitudes discriminatórias, inclusive nos espaços acadêmicos, há a percepção de que os documentos educativos assumiram uma postura homogeneizadora e homogeneizante (BENITE, 2018), que por muitas vezes invisibiliza a diversidade étnico-racial brasileira (GOMES, 2020).

Este contexto, associado às relações de poder do capitalismo, impulsionaram um cenário de ampla divulgação de notícias falsas, as *fake news*, a polarização política, a perpetuação de preconceitos, o que urge um repensar nas estratégias de ensino que busquem a desconstrução destas grandes narrativas nos espaços educativos e estruturar atividades que passem a

problematizá-las e até mesmo ser combativa frente a preconceitos e visibilizar vozes que um dia foram silenciadas, apresentamos a perspectiva decolonial.

A decolonialidade possui, de acordo com Vergès (2020), a intencionalidade contínua e permanente de movimentar atitudes que combatam relações colonizadoras nas vivências. Pinheiro (2020) cita a decolonialidade como uma alternativa e postura combativa aos silenciamentos constantes decorrentes da colonização que impôs configurações de pensamentos, estética, culturas, dentre outras.

Assim, considerando que a atividade de Divulgação Científica tem responsabilidade social em conscientizar os indivíduos dos acontecimentos que os envolvem (MESSER-NETO, 2019), provocar discussões a respeito das intencionalidades dos conhecimentos socializados (PINHEIRO, 2020), buscamos elaborar ações que possam evocar a postura decolonial, a fim de visibilizar saberes ancestrais, latinos e afrodiaspóricos, epistemologias outras que não-eurocêntricas dentro de um processo educativo, democratizando o acesso à este amontoado de informações.

É interessante observar que, assim como a ciência é uma produção humana, também podemos considerar a DC neste aspecto e, partindo desse pressuposto, podemos estabelecer entrelaces entre o saber comum e o saber acadêmico, ensinar a questionar e problematizar conhecimentos, podemos adotar a postura de deselitizar os conhecimentos produzidos nos centros de pesquisa, buscando diminuir as barreiras das amplas desigualdades em território brasileiro.

Por essa razão, com o pensamento de que divulgar ciência seja uma obrigação aos pesquisadores, como uma maneira de devolver à sociedade contribuições que possam agregar ao cotidiano e exercitar o movimento de democratização do conhecimento, apresentamos aqui duas iniciativas elaboradas via redes sociais, o Instagram e o Spotify, unindo plataformas artísticas como veículo de DC.

Em face da pandemia de Covid-19, ou SARS-CoV-2, cuja mutação é originária de 2019, permaneceu em 2020 e apresenta-se ainda no ano de 2021, as atividades humanas foram reestruturadas, a fim de minimizar o contágio. Como retratado por Franco Berardi (2020, p. 18) em sua obra “Crônicas da Psicodeflação”:

A Terra atingiu um grau de extrema irritação, e o corpo coletivo da sociedade está num estado de estresse intolerável. A doença se manifesta neste momento, discretamente letal, mas social e psiquicamente devastadora, como uma reação de autodefesa da Terra e do corpo planetário. [...] O que causa pânico é que o vírus foge à nossa compreensão. A medicina não o conhece, tampouco o sistema imunológico o conhece. E o desconhecido de repente faz a máquina parar.

As atividades educativas também foram afetadas por esta readequação, embora a desigualdade social em muitos níveis tenha sido escancarada mais uma vez (COLEMARX, 2020; SANTOS, 2020) e, agora, as atividades passaram a ser estruturadas e assessoradas por programas intermediados pela rede.

Neste sentido, o momento impulsionou atividades de DC que já eram feitas anteriormente à pandemia, além de destituir unicamente a finalidade de entretenimento atrelada a estes espaços sociais.

O exercício de se constituir uma divulgadora científica consiste numa reflexão constante a respeito de como se deseja estabelecer a mensagem, o contato com a linguagem, quem se deseja alcançar e qual o efeito que esta deseja produzir.

Pensando em como executar os critérios acima estabelecidos, com a intencionalidade de democratizar os conhecimentos relacionados ao Ensino de Ciências e associar as vivências cotidianas, os saberes ancestrais aos conteúdos ensinados, buscamos utilizar as redes sociais, que, de acordo com os estudos de Paulo Freire e Sérgio Guimarães (2013), os atos educativos também são maneiras de assumir posições e atitudes políticas que não se constituem apenas dentro da escola, os visitantes da página passem a ter subsídios para serem produtores de suas percepções a respeito da realidade em que vivem e possam reconhecer os efeitos da colonização no âmbito epistemológico.

### *1.1 A decolonialidade na Divulgação Científica*

A cosmovisão que regeu por muitos anos nossas instruções de convívio em sociedade esteve pautada numa narrativa da modernidade, que, de acordo com Martins (2019, p. iii):

[...] promoveu formas de conhecer e de viver sustentadas por ideias como progresso, racionalidade técnica, pensamento universal e superioridade eurocêntrica. Tal projeto materializou-se em um modelo de desenvolvimento econômico que se revelou, por vezes, predatório dos recursos naturais, promotor de expropriação de territórios e de populações, e destruidor de culturas.

Tais ações perpetuaram sucessivos comportamentos de pilhagem epistêmica (apropriação intelectual de ideias) e epistemicídio (silenciamento de saberes), além de subalternizações que precarizaram a qualidade de vida de muitos povos por muitos séculos. Neste sentido, entende-se que descolonizar é um movimento epistemológico que visa reconhecer as relações de poder imbricadas em diversos âmbitos: sociais, políticos,

econômicos, laborais, de gênero, sexuais, educativos, entre outras, relações essas advindas da colonização europeia e/ou do norte global em diversos territórios (BALLESTRIN, 2013).

Nas palavras de Dutra, Castro e Monteiro (2019, p. 7), pensar de maneira decolonial significa dar espaço de escuta aos conhecimentos que tornaram-se invisibilizados frente às supressões, com a intencionalidade de “provocar um posicionamento contínuo de transgressão e insurgência”.

Pensando nas contribuições da Divulgação Científica, que consiste no desenvolvimento de uma cultura que abranja a compreensão pública dos conhecimentos científicos, seus desenvolvimentos e questionamentos (NASCIMENTO FILHO, PINTO; CAMPOS, 2019), estruturamos neste trabalho iniciativas de DC dotadas de historicidades, questionamento de coletividades, em consonância com o pensamento decolonial.

## 2. Metodologia

A pesquisa aqui estruturada tem suas bases assentadas nas premissas da pesquisa qualitativa, que de acordo com Flick (2009), estuda as relações sociais e permite que sejam agregados ao desenvolvimento da pesquisa a subjetividade do pesquisador, dos sujeitos de pesquisa, tendo amplitude na escolha das abordagens para coleta e interpretação dos dados.

Como método de coleta de dados foram utilizadas as próprias métricas das redes sociais desde suas respectivas criações, bem como comentários e interações realizadas, disponibilizadas pelos próprios aplicativos.

Para análise das informações, tendo em vista as informações dispostas em ambas as plataformas digitais, reuniu-se o *corpus* latente da internet, metodologia que visa analisar as informações já presentes na internet, que não estão inicialmente dispostas para um contexto investigativo, a partir dos conteúdos ali demonstrados ou mediante a interação que foi feita nestes contextos, tornando-os passíveis de serem informações pertinentes à respostas de questões investigativas (Bartolomé Pina; Souza; Leão, 2013).

Esta metodologia permite que os dados sejam tipificados em dados numéricos e não-numéricos, permitindo a sua ampla utilização nos campos quantitativos e qualitativos, seguindo amplas categorizações dados os múltiplos sentidos e significados que as informações dispostas na internet podem vir a apresentar (SOUZA, 2014).

Bartolomé Pina, Souza e Leão (2013) compreendem que as informações à disposição na internet também podem ser estratificadas em estudos a respeito do conteúdo e da interação.

No tocante ao estudo relacionado ao conteúdo, a classificação abrange domínios públicos virtuais, como textos, músicas, artigos, entre outros.

Por sua vez, o estudo atribuído à interação reúne informações a partir de como se dá o diálogo, diretamente ou indiretamente: respostas em fóruns, trocas de mensagens, comentários em domínios públicos.

Neste sentido, buscamos avaliar qualitativamente a disseminação das atividades de divulgação científica de acordo com dados de acesso, interação, compartilhamentos públicos e inferir a respeito das contribuições e fragilidades de tais iniciativas, a partir da sistematização dos algoritmos disponibilizados pelas respectivas redes sociais, categorizando as informações a partir dos assuntos publicizados, quantidade de acesso, ascensão ou declínio do número de seguidores, abrangendo a pauta analítica do estudo atribuído à interação.

Para a compreensão dos contextos de DC aqui mencionados, serão explanadas brevemente especificidades a respeito das redes trabalhadas e a intencionalidade de sua criação.

O Spotify<sup>®</sup>, lançado oficialmente em 2008, é um programa reprodutor de músicas e *podcasts* que permite ao usuário que reúna o som que aprecia em listas, que podem ser públicas, privadas ou colaborativas. As listas - que no aplicativo são chamadas de *playlists* - públicas e colaborativas permitem o acesso de outros usuários, permitindo que seja possível acompanhá-las a partir do botão de “Seguir”. A diferença entre a lista pública e a lista colaborativa está na possibilidade de acrescentar músicas em um contexto de colaboração, cuja funcionalidade em específico só é permitida aos usuários pagantes do aplicativo. No caso, ao usuário que não possui assinatura, só é permitida a escuta e o botão de “Seguir”, conforme Figura 1.

A playlist colaborativa intitulada “Descolonizando a escuta”, criada em 27 de julho de 2020 tem a intencionalidade de, ao permitir a intervenção de outros indivíduos que inserem produções latinoamericanas, afrodiaspóricas, estabeleça uma postura dialógica e abre espaços para novas partilhas, o que, descarta a influência de uma história única inclusive no âmbito cultural.

É interessante observar que, pensando na coletividade disposta nos saberes freireanos, na descrição da lista – único espaço destinado à uma possível interação com os seguidores neste programa – disponibilizou-se o e-mail e o número particular de contato da pesquisadora para que, um possível usuário que não for assinante da plataforma, possa enviar sugestão de contribuições para serem adicionadas.

A partir da criação da lista e o intercâmbio cultural com os seguidores, é possível averiguar quem adicionou, quantas pessoas estão seguindo a lista e, a partir destas informações

é possível esboçar delineamentos a respeito dos diversos públicos que partilham das intencionalidades da lista.

O Instagram<sup>®</sup>, criado em outubro de 2010, por sua vez, é um espaço gratuito<sup>86</sup> interativo de troca de fotos e/ou vídeos que permitem mais interações diretas com o público que o acessa. Ao ingressar no aplicativo na modalidade de usuário, há a possibilidade da criação de uma conta que pode ser pública ou privada. O acesso também é garantido caso um indivíduo não queira se cadastrar na rede social apenas em contas cuja privacidade esteja definida como pública.

A conta @professoraluli<sup>87</sup> foi criada com a finalidade de entrelaçar a arte para divulgação científica, com o propósito de ensinar ciências combatendo notícias falsas, mostrando possibilidades de desvelar racismos e outros preconceitos que podem emergir durante processos de aprendizagem ou possibilitar reflexões.

Aos usuários, é possível conferir semanalmente números de visitas, público-alvo (idade, gênero, faixa etária), desde que a conta esteja configurada na modalidade “comercial”, melhor horário de interação com seguidores, localidade dos seguidores.

Não há um local em que as informações são sistematizadas sucessivamente, por essa razão, criou-se uma planilha em que houve transcrição fiel dos dados, para finalidade de acompanhamento e registro.

Desse modo, tais informações, que inicialmente não respondem à nenhuma questão de investigação em específico, passaram a subsidiar o percurso investigativo, por meio do *corpus* latente da internet para averiguar os efeitos das ações de DC com perspectiva decolonial nos meios digitais.

## Resultados e Discussão

A realidade que vivemos atualmente compreende (com toda a abstração necessária) dimensionado um espaço em que o conhecimento científico tem quebrado fronteiras institucionais, adentrado modalidades não-formais e virtuais de ensino. Sendo assim, a acessibilidade à informação nestes espaços pode contribuir para fomentar debates, construir diálogos que modifiquem a maneira de ser e de estar no mundo.

A democratização da informação não significa que a disposição de conteúdos sejam efetivos aniquiladores de discursos preconceituosos que possam subalternizar a alteridade em qualquer esfera. Ainda se veem ações de xenofobia, LGBTQIA+fobia, intolerância religiosa,

---

<sup>86</sup> Não há assinaturas específicas para a permanência do usuário no aplicativo, mas para seu acesso é imprescindível a conexão de internet.

<sup>87</sup> [www.instagram.com/professoraluli](http://www.instagram.com/professoraluli)

marginalização de corpos, racismo, imposição de juízos morais dualistas e segregadores, advindos de uma cartilha branca, cisgênera e eurocentrada, como mencionado por Oliveira e Queiroz (2015).

Por essa razão, acredita-se no potencial da DC agregado ao referencial teórico da decolonialidade, pois, ao repensar as estruturas sociais, visibilizar vozes que um dia foram silenciadas, ofereça ao indivíduo que acessam tais conteúdos a possibilidade de refletir a respeito da própria construção do conhecimento e, possivelmente impulsionar a participação em movimentos sociais de luta por direitos (OLIVEIRA; QUEIROZ, 2015).

Nos termos de um olhar freireano, iniciamos nossas análises reafirmando o compromisso de dirigir o indivíduo na busca pela curiosidade epistemológica, por caminhos que não sejam necessariamente os destinados aos espaços formais de ensino.

Os estudos da interação revelaram ampla difusão do conteúdo, mediante as métricas disponibilizadas pelos aplicativos. No que diz respeito ao Instagram<sup>®</sup>, averiguou-se que de 18/05/2020 a 12/08/2020, considerando que houve 22 postagens nesse intervalo, referentes à postagens sobre a perspectiva decolonial, abordando temáticas como indicações de leitura, protestos sociais, abordagem interdisciplinares, divulgação de projetos brasileiros, decolonialidade, tratamentos alternativos ao coronavírus, problematizações sociais, com ascensão semanal do número de seguidores (779 inicial – 1006 final).

A planilha criada para armazenamento dos dados disponibilizados pelo aplicativo, revelou que o público-alvo constituinte é elaborado majoritariamente por 74% de mulheres, a faixa etária dos seguidores compõe 44% de pessoas entre 25 e 34 anos, residentes próximos à região da pesquisadora. No entanto, acreditamos que pela ampla repercussão que houve diante da postagem de 17 de junho de 2020, olhando para as informações de interação (148 curtidas, 9 comentários, 61 compartilhamentos públicos, 37 salvamentos, 915 contas alcançadas), aumentou-se a porcentagem de outras localidades visitando o perfil (São Paulo, Bahia, Rio de Janeiro, entre outros locais).

A postagem de 17 de junho de 2020 questionou os moldes eurocêtricos de representação da América Latina e a inserção da imagem de Joaquín Torres García<sup>88</sup>, conhecida como “América Latina invertida” como promotora de outros questionamentos, como por exemplo a reflexão a respeito das origens a respeito das artes que consumimos.

---

<sup>88</sup> Joaquín Torres Garcia foi um artista uruguaio que buscou trazer ideias de pertencimento e valorização da América Latina em sua obra.

No Spotify, dado aproximadamente 1 mês da criação da lista, observou-se em média 50 pessoas seguindo a lista e grande parte contribuindo na adesão das músicas, pessoas estas provenientes de diferentes regionalidades do Brasil também. Atualmente, a lista conta com 136 seguidores, com a colaboração de 33 usuários, totalizando 455 músicas e contempla diversos gêneros musicais, em sua maioria cantados por artistas latino-americanos, negros, alguns relatando suas experiências religiosas, abrindo espaço para a diversidade de sons, descolonizando as influências do norte global.

É interessante ressaltar que o movimento de amplificar possibilidades de inserção na lista foi proveniente de um debate entre os apresentadores deste trabalho, que pontuaram um possível cenário de exclusão de indivíduos ou dificultar o acesso à escuta<sup>89</sup>.

Esta iniciativa de DC reitera a subjetividade de cada ser humano que compartilhou alguma obra musical que remeta à movimentos de supressão de pressupostos colonizadores na constituição dos saberes culturais enquanto também vivenciam o contexto do isolamento social.

O movimento da criação desta lista e seus posteriores compartilhamentos, permite sinalizar um repensar para as referências intelectuais e artísticas do que consumimos, valorizando as produções latinoamericanas, afrocentradas, orientais, que desbinarizam a dicotomia que os referenciais modernos, brancos e eurocêntricos criaram ao longo da história.

A partir das informações apresentadas, ratificamos a pertinência da utilização de redes sociais em contextos educativos e, no tocante a atividades que adotam a perspectiva decolonial, acreditamos que se constituem em maneiras de se repensar o Ensino de Ciências a partir da desconstrução de visões que já permitiram subalternizar e violentar simbolicamente determinados saberes (MONTEIRO, 2019).

Utilizando o *corpus* latente da internet, foi possível inferir que o caminho artístico também levanta, juntamente à produções acadêmicas, pautas de discussão referentes à dependência tecnológica, a desconstrução de ideários exóticos de cientista, problematiza, identifica e busca ressignifica relações de poder, caminhando lado a lado com pressupostos da efetivação da divulgação científica (THÜRLER, 2011), contando com o movimento decolonial como suporte para visar novas práticas docentes para o Ensino de Ciências.

---

<sup>89</sup> Em virtude de um ataque virtual em 22 de junho de 2021, em que a lista teve suas músicas excluídas, a lista permanece temporariamente sem a possibilidade de adição colaborativa, mas, já houve tentativas de contato particular para que se faça a adição de músicas na lista. Portanto, restringir, não foi um impeditivo.

## Referências

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. *Rev. Bras. Ciênc. Polít.* n.11, p. 89-117, 2013.

BARTOLOMÉ PINA, Antonio Ramon; SOUZA, Francislê Neri; LEÃO, Marcelo Carneiro. Investigación educativa a partir de la información latente em internet. *Revista Eletrônica de Educação*, v. 7, n.2, p. 301-316, 2013.

BENITE, Anna Maria Canavarro. Prefácio. In: PINHEIRO, Bárbara Carine Soares; ROSA, Katemari. *Descolonizando saberes: a lei 10.639/2003 no Ensino de Ciências*. São Paulo: Livraria da Física, 2018, p. 13-14.

BERARDI, Franco. *Crônicas da psicodetração*. São Paulo: Ubu, 2020.

COLEMARX. *Em defesa da educação pública comprometida com a igualdade social: porque os trabalhadores não devem aceitar aulas remotas*. E-book. Disponível em: <<https://esquerdaonline.com.br/wp-content/uploads/2020/04/Colemarx-texto-cr%C3%ADtico-EaD-vers%C3%A3o-final-b-1.pdf>>. Acesso em: 02 out. 2020.

DUTRA, Débora Santos de Andrade; CASTRO, Dominique Jacob; MONTEIRO, Bruno Andrade Pinto. Educação em Ciências e decolonidade: em busca de caminhos outros. In: MONTEIRO, Bruno Andrade Pinto; CASSIANI, Suzani; SÁNCHEZ, Celso; OLIVEIRA, Roberto Dalmo Varallo Lima de. *Decolonialidades na Educação em Ciências*. p. 1-17. São Paulo: Livraria da Física, 2019.

FLICK, Uwe. *Introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sergio. *Educar com a mídia: novos diálogos sobre educação*. Editora Paz e Terra, 2013.

GOMES, Nilma Lino. Prefácio. In: BENITE, Anna Maria Canavarro; CAMARGO, Marysson Jonas Rodrigues; AMAURO, Nicéa Quintino. *Trajetórias de descolonização da escola: o enfrentamento do racismo no Ensino de Ciências e Tecnologias*. Belo Horizonte: Nandyala, p.5-9, 2020.

MARTINS, Isabel. Prefácio. In: MONTEIRO, Bruno Andrade Pinto et al. *Decolonialidade na educação em Ciências*. São Paulo, Livraria da Física, 2019, p. xiii-xvi.

MESSEDER-NETO, Hélio da Silva. A divulgação científica em tempos de obscurantismo e de fake news: contribuições histórico-críticas. In: ROCHA, Marcelo Borges; OLIVEIRA, Roberto Dalmo Varallo Lima de. *Divulgação Científica: textos e contextos*. São Paulo: Livraria da Física, 2019, p. 13-24.

NASCIMENTO FILHO, Carlos Alberto; PINTO, Sabrine Lino; CAMPOS, Carlos Roberto. A relação entre divulgação e cultura científicas: um ensaio sobre eventos de ciências. In: ROCHA, Marcelo Borges; OLIVEIRA, Roberto Dalmo Varallo Lima de. *Divulgação Científica: textos e contextos*. São Paulo : Livraria da Física, 2019, p. 25 – 35.

OLIVEIRA, Roberto Dalmo Varallo Lima; QUEIROZ, Glória Regina Pessôa Campello. *Olhares sobre a (in)diferença: formar-se professor a partir de uma perspectiva de Educação em Direitos Humanos*. São Paulo: Livraria da Física, 2015.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. *@Descolonizando\_saberes*. São Paulo: Livraria da Física, 2020.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A cruel pedagogia do vírus*. Coimbra: Editora Almedina, 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

SOUZA, Francislê Neri. Tipologia e codificação de dados Corpus Latente na Internet. *Internet Latent Corpus Journal*, v. 4, n. 2, p. 2-10, 2014.

THÜRLER, Djalma. A ciência não é só dos cientistas. In: PORTO, Cristiane de Magalhães; BROTAS, Antonio Marcos Pereira; BORTOLIERO, Simone Terezinha. *Diálogos entre ciência e divulgação científica: leituras contemporâneas*. Salvador: EDUFBA, 2011, p. 225-232.

VERGÈS, Françoise. *Um feminismo decolonial*. São Paulo: Ubu, 2020.